

# SENTIDOS DA CIDADE EM PANDEMIA: Literatura e experiência urbana.

Iana Gabriele Souza de Andrade<sup>1</sup>

Liliane Vasconcelos<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo a discussão dos sentidos que a cidade ganha no contexto do isolamento social provocado pelo Sars-CoV-2, causador da atual pandemia de covid-19, fazendo considerações sobre a relação do sujeito urbano com a cidade que habita, seus afetos, sua memória, e a saudades das experiências urbanas, problematizando quem tem direito a essa saudade e quem são os grupos mais prejudicados com o isolamento ou falta dele a partir das imagens representadas pela literatura enquanto acalanto e ferramenta de registro do momento vivido, as narrativas são lidas e desenvolvidas a partir de uma narrativa multidisciplinar que buscam analisar os sentidos da cidade num momento de pandemia. Diante dessa perspectiva, percebemos que as narrativas literárias constroem e auxiliam na percepção urbana das cidades em pandemia.

**Palavras-chave:** cidade; isolamento urbano; pandemia; literatura.

## 1. INTRODUÇÃO

A pandemia do covid-19 chegou inesperadamente e mudando nossa rotina e a forma de nos relacionarmos com a cidade. O confinamento se tornou necessário para nos proteger do vírus que pode nos colocar na posição de hospedeiros e transmissores. Com o retraimento para dentro de nossas casas, a cidade se isolou nela mesmo. Italo Calvino na obra “cidades invisíveis” (1972), nos apresenta um novo modo de olhar as cidade, percebemos que ela não é apenas um conjunto geográfico, mas sim uma relação do espaço físico com o contato humano e podemos relacioná-la a desejos e a memória. A cidade se constitui da experiência urbana desde sua origem, é o encontro, a relação e a multidão. Imagens que tiveram seu cerne na constituição da modernidade. Nesse sentido, a cidade passa a ser algo muito mais complexo do que ruas e edifícios e cada cidade é única em suas

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras, bolsista IC-FAPESB, e-mail: iana.andrade@ucsal.edu.br

<sup>2</sup> Doutora em Literatura e Cultura, professora/orientadora, e-mail: Liliane.vasconcelos@pro.ucsal.br

histórias e construções. A cidade eterniza memórias. A literatura nos serve aqui como um bom caminho para analisarmos a concretude da situação através das palavras de escritores que narram o momento de pandemia e a relação do sujeito com o urbano. Se analisa também como os discursos sociais proferidos pela cidade se manifesta no isolamento, e como a quarentena afeta os nossos afetos.

## 2.1 CIDADE E LITERATURA

Analisamos os sentidos da cidade de uma outra forma: não mais andando ou passeando por seus becos e vielas, mas procurando seu significado no inconsciente coletivo que ela produz. Os acontecimentos urbanos constrói o repertório da cidade, mas foi preciso adaptar esse referencial para a nossa realidade vigente. É importante perceber como a literatura e os escritores observam a cidade atual.

As doenças infecciosas já marcam nosso imaginário coletivo, pois essa não é a primeira pandemia que ascendeu no mundo. A literatura, além de nos ajudar a passar por esse momento de isolamento social sendo uma aliada da nossa saúde mental, se tornando abrigo e acalanto, pode ter também a função de relatar, descrever e difundir a partir de uma multiplicidade de olhares o contexto de pandemia. Muitos escritores, de diferentes gêneros, já descreveram outros cenários epidêmicos e todas as questões que ele envolve. O escritor Renascentista, Giovanni Boccaccio em sua obra “Decamerão” (1353) traz a narrativa dos jovens que se refugiaram em Florença, a fim de fugir da peste que atingiu o mundo na segunda metade do século XVI, tendo seu ápice na Europa. A obra renomada de Albert Camus, “A peste” (1947), levanta questionamentos usando metáforas sobre qual a melhor forma de lidar com a peste, trabalhando questões como opressões e resistência. No contexto brasileiro podemos lembrar do texto de João do Rio intitulado “A peste” que compõe o livro de contos *Dentro da Noite* de 1910. No período da *Belle Époque* carioca e de vasta transformação urbana na capital da república, o autor descortina a euforia de uma modernidade em face de uma cidade adoecida pela presença da febre amarela no início do século XX. A partir de um olhar sensível para o contexto doentio que a cidade enfrentava, João do Rio traz à cena a dificuldade da despedida de dois amigos após um deles ser acometido pela peste e ter que se internar no hospital.

Faço um esforço, salto. E vou. Vou devagar, vou não querendo ir. A impressão de fim, de extinção violenta! Aquele recanto, aquele hospital com ar de cottage inglês aviltado por usinas de porcelana, é bem o grande forno da peste sangrenta. Como deve morrer gente ali, como devem estar morrendo naquele instante. Desço a rua atordoado, com um zumbido nos ouvidos. O mar é um vasto coalho de putrefações, de lodo que se bronzeia e se esverdeia em gosmas reluzentes na praia morta. O chão está todo sujo, e passam carroças da Assistência, carroças que vêm de lá, que para lá vão. Quase não há rumor. É como se os transeuntes trouxessem rama de algodão nos pés. Só as carroças fazem barulho. E quando param — como elas param! — é o pavor de ver descer um monstro varioloso, desfeito em pus, seguindo para a cova (RIO, 2002, p.151)

O conto, apesar ter sido escrito em outro século, se torna atual por apontar o sentimento de pavor e aflição que a pandemia nos traz. Como o personagem do conto, nos questionamentos a respeito das vidas que podem estar sendo ceifadas neste instante, visto que as taxas diárias de morte estão elevadíssimas. As carroças que fazem barulhos podem ser interpretadas como os atuais carros fúnebres que tem como função levar os corpos falecidos.

As crônicas, que trazem as narrativas de acontecimentos do cotidiano e de cenas urbanas, agora revelam sentimentos que estão sendo vividos no momento pandêmico. A escritora baiana Lorena Grisi, em seu conto “Vizinhança” (2020) narra a história de dois vizinhos de prédio que nunca tiveram muito contato, e que estão cumprindo o isolamento em suas casas. Ainda que estejam impossibilitados de viver a cidade, conseguem senti-la presente através dos barulhos que é produzido pelas ruas. Percebemos que a cidade ainda se mostra viva e presente, mas de outras formas. O sentimento é de estar nela e não poder aproveitá-la.

Isolados em casa, ele, ela, todo um edifício, toda uma cidade, todas as cidades. (...) Os sons da rua se intensificam, melhor fechar as janelas da casa toda, ele imagina; melhor espiar da varanda se é farra contrariando o isolamento ou se é gente gritando ladrão como costuma acontecer em todas as grandes cidades, supõe ela. (GRISI, 2020, p.01)

Julián Fuks (2020) em seu conto, “O que a quarentena nos rouba? Inventário de saudades e perdas íntimas” compartilha os sentimentos que ele percebeu a partir dos questionamentos trazidos por sua filha, um sentimento de saudade de coisas que antes não nos dávamos conta, como o inesperado que os encontros proporcionam e os discursos compartilhadas pelo outro.

Entendi melhor o que eu mesmo sentia ouvindo a minha filha mais velha, na sinceridade desabrida de seus quase três anos, acompanhando seus anseios indiscretos. Desde o início ela negou sentir falta da escola, e pouco lamentou a ruptura total da rotina, como se só estar em casa com a mãe, o pai, a irmã tão nova em sua vida pudesse lhe bastar completamente. Há algumas semanas, porém, ela começou a fazer interrogatórios insistentes: o que a vovó está dizendo agora, o que a prima está dizendo, o tio, o amigo, a vizinha, o que todos os vizinhos, o que todo mundo está dizendo? Ela não sente uma falta protocolar dos outros, é o que percebo. Sente falta de suas vozes, de suas frases corriqueiras, do mundo inesperado que se abre a cada palavra alheia. (FUKS, 2020, p. 02)

O conto nos aponta que a imersão na cidade nos permite uma produção de narrativas que derivam da experiência urbana e dos encontros, desse modo passamos então a questionar como ficam os contatos culturais e os encontros com aquilo que é inesperado nesse contexto da quarentena. Diante disso, se coloca a problemática que é pensar os significados de cidade, se os protagonistas dela estão isolados em suas casas, afastados entre si.

## **2.2 CIDADE E ISOLAMENTO**

Apesar de não ser a primeira pandemia que o mundo já enfrentou, essa é a primeira que a geração atual está vivenciando. A princípio o coronavírus foi retratado por muitos, até mesmo pelo atual presidente Jair Bolsonaro, como um tipo de histeria coletiva ou “gripezinha”, mas a situação ficou alarmante e mexeu com toda a estrutura e funcionamento das cidades. A experiência de passar por uma quarentena decorrente do vírus faz com que a visão da urbe, antes cheia e movimentada, fosse subsidiada por ruas vazias. As antigas experiências urbanas do convívio, da circulação, do contato inesperado com o outro, das formas afetivas do olhar, da paquera nas ruas foram suspensas; as cidades brasileiras ganharam outros formatos no qual a dinâmica do cotidiano passou a ser regida pela exclusão do contato, pelo medo do invisível, da aglomeração de pessoas no que elas podem ocasionar com respingos da saliva e do suor. As ruas aglomeradas e o comércio se tornaram espaços proibidos para os cidadãos principalmente os idosos, consideradas as mais susceptíveis ao coronavírus. O medo da peste conseqüentemente da morte pode ser verificado no último conto do escritor Sérgio Sant’anna que veio a falecer de covid-19 em maio de 2020.

Crio para a dama de branco uma história. Ela me conta sobre sua infância. De como gostava de passear em sua rua de Botafogo de mãos dadas com uma amiga muito especial. De como ela amava essa amiga que morreu muito jovem, de uma doença misteriosa. Mas antes teve tempo de falar que a esperaria. Não foi egoísta a ponto de pedir que a dama de branco também a esperasse ou partisse logo para se juntar a ela. Então a dama de branco teria experimentado várias relações, sempre com um sentido de incompletude, até que chegou este tempo da peste e ela está em isolamento como eu. Às vezes, penso que a dama de branco é a própria morte. Sei que isso é um modo de prendê-la e logo me penitencio e sei que em outro momento pensarei outra coisa. A morte não passa de uma obsessão minha. (SANT'ANNA, 2020, p. 03)

Se pensarmos a cidade como local de encontro, encontro esse que pode ser voltado para atender as necessidades da sua população, proporcionando coisas essenciais como: saúde, educação, comércio, e lazer, percebemos que enquanto moradores da cidade somos produtos do encontro, e com a situação pandêmica em que estamos impossibilitados de aproveitar esses encontros de forma concreta, precisamos ressignificar o uso desses lugares, já que a maioria desses espaços não estão sendo usados de forma efetiva, seguindo o propósito a qual eles foram criados. A cidade que é a essência da vida urbana se torna o plano de fundo que possibilita essas trocas. Se as cidades são constituídas pelo encontro, como pensar os sentidos de cidade no contexto do isolamento social ?

Permanecemos conectados com a cidade através das lembranças, mas se problematizamos essa idéia, percebemos que a saudade aqui se torna privilégio, pois a classe trabalhadora permanece exposta, já que muitos não estão tendo o direito de preservar sua saúde com o isolamento social, e ainda precisam sair de suas casas para garantir a sua renda e seu sustento<sup>3</sup>. Podemos aproveitar esse momento oportuno para também pensar o planejamento e construção da cidade que habitamos, e assim perceber seus aspectos negativos que ficaram escancarados com a crise do covid-19, como exemplo as desigualdades produzidas pela divisão centro/periferia, e a dificuldade em praticar o isolamento social na realidade urbana periférica, uma vez que não foi considerado um isolamento social que esteja de

---

<sup>3</sup> A segunda vítima do coronavírus na Bahia foi uma mulher de 42 anos que exercia o cargo de doméstica e acabou sendo infectada pela sua patroa. A mãe da doméstica também foi contaminada após contato domiciliar com sua filha.  
<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mae-de-domestica-infectada-e-terceiro-caso-confirmado-de-coronavirus-na-bahia/>

acordo com as relações e estrutura das comunidades, como as casas interligadas e a grande circulação nas ruas que parecem ser conectadas, conforme explica Gonçalves (2020).

Os modos de prevenção do vírus também se torna um problema no contexto periférico porque muitas comunidades não têm acesso a água, saneamento básico e espaço suficiente em suas residências para praticar um certo distanciamento dos outros familiares, ou separar utensílios que são compartilhados como talheres e copos, a fim de evitar uma transmissão do vírus caso alguém da casa seja contaminado. A grande classe trabalhadora que está exposta ao vírus reside em áreas periféricas, o que pode causar um grande índice de contaminação a esses moradores da região. Quem tem pouca renda ao se infectar terá o tratamento do covid dependente do SUS, mas o sistema de saúde corre risco de superlotação e falta de leitos, o que significa que o tratamento para os casos agravados não seja uma certeza. A escritora Cidinha da Silva nos lembra em seu texto, que para os pretos e pobres da cidade a garantia de acessar o serviços de saúde é ainda mais difícil. A cidade parece escancarar que para pobres e pretos moradores das periferias não há vez.

No meio do caos é preciso cultivar a alegria para manter a saúde mental, ensinam os afoxés e o congado que saúdam as ruas e as limpam para que vivamos em paz e nos chegue a fartura, muitas vezes ausente de nossa mesa. Alegria, agora, a ser vivida dentro de casa, porque para nós, gente negra, não haverá vaga em hospital, e se houver, não haverá respirador, isso, se chegarmos vivos ao hospital, se os ratos e baratas cascudas não quebrarem a ambulância no meio do caminho. (SILVA, 2020 p.15)

Um grande fator de risco são as doenças pré-existentes. Pessoas que venham a se contaminar com o covid e possuir um histórico com essas doenças, como a asma, diabetes, hipertensão, doenças cardíacas, entre outras, podem sofrer mais complicações com o vírus, aí mora um grande problema, pois pessoas em situação de vulnerabilidade econômica não possuem plano de saúde, ficando assim a mercê do SUS, onde há uma grande dificuldade para conseguir atendimento médico, enquanto grande parte da classe média tem uma condição melhor para o tratamento e acompanhamento médico dessas doenças, pois eles podem contar com planos de saúde.

Questionado os discursos proferidos sobre a pandemia e o vírus, e refletindo quem tem direito a quarentena, é possível adentrar em discursos sociais e até repensar os lugares que cada um ocupa na sociedade, a exemplo, o espaço de atuação dos idosos, tidos como principal grupo de risco, sendo necessário considerar sua qualidade de vida, dando uma atenção especial ao seu emocional, pois pode haver outros tipos de fragilidades para além do medo do coronavírus, e planejamentos para o envelhecimento saudável.

A segregação e exclusão tem uma relação cultural, social e econômica. Se analisarmos as mortes em massa provocada pelo covid, é possível estabelecer uma ligação direta a questões sociais e raciais. As desigualdades ficaram escancaradas com a pandemia, pois os grupos que mais estão sendo afetados com o covid já sofriam antes mesmo do contexto pandêmico. O coronavírus têm consequências econômicas, sociais e políticas, mas elas não serão sentidas da mesma forma por todos, conforme explica Miranda (2020). Diante disso, percebemos que os sentidos de cidade em isolamento pode se manifestar de diferentes formas, a depender do contexto socioeconômico, da faixa etária e territorial de cada pessoa.

### **2.3 CIDADE E AFETOS**

A cidade produz afetos (PECHMAN, 2009, p 352). As experiências afetivas urbanas mostram as relações dos habitantes com a sua cidade. A urbe, como espaço de encontro de alteridades, promove uma relação entre os sujeitos e os espaços públicos, daí nascem os afetos no contexto da cidade. É difícil observar dessa forma visto que a sociedade moderna traz consigo o individualismo e o egocentrismo, uma vez que a falta do outro já existia em algumas pessoas bem antes do isolamento social provocado pela pandemia, ela agora está sendo manifestada em uma escala maior, de uma forma geral.

Não consigo deixar de pensar na dama de branco deitada comigo, quem sabe nua, com seu corpo esguio, mas isso me parece um sacrilégio. A dama vem à minha mente como uma pessoa solitária como eu, não imaginando que a possam observar em sua caminhada, nesta hora tão deserta. Nem transariamos, pois já estou com setenta e nove anos. (SANT'ANNA, 2020, p. 03)

O personagem, com setenta e nove anos se vê privado de certos prazeres, pois com essa idade a sociedade se revela castradora. Assim sendo, a dama de branco soa como um prelúdio. Talvez seja o temor e medo que habita internamente no eu lírico que o faz projetar essa visão, sendo possivelmente uma representação daquilo que ronda o seu íntimo. A solidão que a dama de branco revela ao idoso, nos convida a questionar o isolamento que o envelhecimento traz consigo, fora ou dentro do contexto pandêmico onde o distanciamento se faz necessário, pois antes da pandemia a mobilidade do idoso a certos lugares da cidade já era um pouco comprometido, mas agora ele se vê impossibilitado de sair de casa para ir às ruas, lugar onde podem se sentir parte da urbe e entrar em contato com pessoas. A falta dessas experiências pode se resultar em solidão, sentimento que se torna mais grave em pessoas com a idade avançada, comprometendo a saúde mental e o bem estar.

A cidade, na quarentena, deixou de ser um espaço para conhecer locais e pessoas novas, o que nos revela um sentimento de solidão. Evidente que hoje, com a tecnologia em ascensão, conseguimos nos comunicar de várias formas, ainda que de longe, mas isso não é o bastante para suprir a nossa falta, porquanto o virtual jamais substituirá a experiência física.

Passamos a repensar os modelos urbanos e a construção dos espaços que nos fazem ser individualistas mesmo antes do isolamento começar. Alguns escritores e filósofos já se debruçaram a criticar esse isolamento pessoal e até mesmo a liquidez das relações. São vários os motivos que ajudam a desencadear a forma individualista que o homem pode se encontrar, seja o próprio planejamento urbano ou a questão econômica e política que pode atuar diretamente em nossa subjetividade, o fato é que a solidão não é uma questão tão nova assim.

É bem verdade que o sujeito contemporâneo já está adentrado na realidade virtual aumentada, já que vivemos na “sociedade da internet, do espetáculo e do hiperconsumo” como aponta Pimentel (2019, p.51) . A internet que hoje está sendo fundamental para aproximar pessoas que estão afastadas fisicamente, também pode ser um meio de afastamento. Estamos passando por uma mudança nos relacionamentos, e com o advento da modernidade e da globalização, o presencial está sendo preterido em prioridade das relações digitais. Antes mesmo do isolamento da quarentena, o afastamento já estava acontecendo de forma isolada, de modo que o homem está deixando de ser um ser social para se tornar um



homem web, vivendo em sua própria bolha virtual, de maneira que muitos momentos foram deixados de ser compartilhados para que se pudesse viver uma vida online. Por conseguinte, percebemos a necessidade de investigar os afetos ou a falta dele, bem como nossas individualidade e isolamento, e como estamos nos relacionando com o outro, principalmente no momento de isolamento social.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil definir com precisão o que é a cidade, mas essa ainda pode ser definida por sua função ou paisagem, de acordo com a visão de quem a enxerga, visto como cada pessoa traz dentro de si cidades particulares e pessoais, bem como os seus desejos, projetos, afetos e memórias. A situação pandêmica levanta muitas questões sociais relacionadas ao isolamento, ora, nem toda a cidade funciona da mesma forma, quer seja pelos seus habitantes ou pela área que ele ocupa, e nem todos sentiram os impactos desencadeados por essa crise, vide que as desigualdades sociais são muitas e estão cada vez mais expostas.

Questionamos assim a cidade que habitamos. Enquanto somos o produtos dos encontros, pensamos na ressignificação dos espaços que não estão sendo usados para adaptar ao momento que nos encontramos de isolamento social para evitar a disparidade do coronavírus, enquanto se pode questionar velhas estruturas e nossa relação com o urbano. Já passamos por muitas mudanças ao longo dos tempos que mudaram definição do que significa uma cidade. Certamente, na pós pandemia, teremos outros significados no que tange o seu conceito, bem como seu espaço e seus encontros.

Pensando como a literatura pintou as pandemias e os sentimentos que ela provoca, podemos entender melhor a situação e as crises desencadeadas do momento pandêmico, e até conhecer histórias que conta, não de forma superficial, as cidades e o que ela representa mas sim como uma possibilidade de ampliar o olhar para o momento em curso. A arte além de entreter, nos salva.

### REFERÊNCIAS

BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron**. Tradução: Ivone Benedetti. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

CAMUS, Albert. **A Peste**. Tradução: Valerie Rumjanek. São Paulo: Record, 1997.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. Companhia das letras, 2º edição, 1990.

PIMENTEL, Déborah. O sujeito contemporâneo e a realidade virtual. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte-MG | n. 52 | p. 51–58 | dez. 2019

FUKS, Julian. O que a quarentena nos rouba ? inventário de saudades e perdas íntimas. **Ecoa**. 23, jun. 2020. Coluna Julián Fuks. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2020/05/23/o-que-a-quarentena-nos-rouba-inventario-de-saudades-e-perdas-intimas.htm>. Acesso em: 26 jul. 2020

GONÇALVES, Réia Silva. Por que o isolamento social é mais difícil nas periferias. **Ponte**. 11 jun. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/artigo-por-que-o-isolamento-social-e-mais-dificil-nas-periferias> >. Acesso em 26 jul. 2020

GRISSI, Lorena. **Vizinhança**. No prelo.

MIRANDA, Jessica. Os impactos do coronavírus em um Brasil desigual. **Medium**. 25 de mar. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@coisaseria/os-impactos-do-corona-v%C3%ADrus-no-brasil-desigual-89245baa6d83>> Acesso em: 26 jul. 2020

PECHMAN, Robert. 9 cenas, algumas obs-cenas, da rua. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 21 – n. 2, p. 351-368, Maio/Ago. 2009

RIO, João. do. **Dentro da noite**. São Paulo: Antíqua, 2002.

SANT'ANNA, Sérgio. A dama de branco, último conto de Sérgio Sant'Anna. **Outras palavras**. 11 jun. 2020. Poéticas. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/a-dama-de-branco-ultimo-co-de-junto-de-sergio-santanna/>> Acesso em: 31 jul. 2020

SILVA, Cidinha. da. **Aprender com becos, vielas, afoxé e congado**: Um axé para quem enfrenta a pandemia em pé: pessoas negras. Suplemento Pernambuco. Recife, vol. n. 173 p 15-16, jul. 2020. Disponível em: [https://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE\\_173\\_web.pdf](https://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_173_web.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2020